

Nota de Pesquisa

Literatura Beat: Expressão marginal no Século XX.¹

Pesquisa Coletiva PET – História UFPR²

Camila Maria Longo Pleszczak³

A pesquisa coletiva do PET-História, desenvolvida em 2011, procura compreender a relação entre a experiência histórico-cultural e literária durante as décadas de 1940 a 1950, produzida pela Geração Beat. Buscamos perceber a criação de uma literatura engajada que permeava a crítica ao progresso, à desigualdade social, à política e, principalmente, ao *status quo*, questionando a sociedade americana. Havia uma necessidade de libertação e transcendência por parte desse grupo, insatisfeito com os padrões sociais vigentes, resultando na criação de uma estética literária particular. Procuramos desenvolver uma reflexão sobre sociedade,

¹ Resultados da pesquisa coletiva desenvolvida pelo PET História UFPR durante o ano de 2011 e apresentados no 20º EVINCI UFPR (outubro/2012) e XIV Encontro Regional dos Estudantes de História – Sul (novembro/2012)

² Alunos: Amanda C. Zattera, Alexandre Cozer, Barbara Zanirato, Camila M. L. Pleszczak, Davi C. Pradi, Eduardo Nogueira, Gabriela M. Larocca, Guilherme F. Saccomori, Lana B. Baroni, Luís F. C. Cavalheiro, Natascha Eggers, Nicolle T. de Lima, Nayara Krachensky, Sergio L. Rabelo, Rayanna Farias, Stella T. Castanharo, Vinícius A. Paludo. Tutora: Renata Senna Garraffoni.

³ O presente texto foi redigido pela bolsista para os eventos supracitados.

marginalidade e cidadania no período, assim como influências posteriores dessa geração.

A Geração Beat foi um movimento artístico e cultural surgido na década de 1940. Para conhecê-lo melhor, fizemos a leitura de *Geração Beat* de Claudio Willer, que considera essa geração como um movimento literário e um acontecimento comportamental. O movimento inicia-se como um grupo de amigos, com destaque para os escritores Jack Kerouac, William Burroughs, Allen Ginsberg, e se expande para outras áreas artísticas. É destacado o caráter multicultural e de diversidade interna deste movimento, que, para Willer, se relaciona com a própria sociedade norte-americana da época, sendo composto por judeus, protestantes, indígenas norte-americanos, católicos, afro-americanos, ladrões de carros, mulheres, enfim, pessoas de diferentes origens e extratos sociais, muitas delas marginalizadas.

A relação de amizade foi fundamental para suas criações literárias, por meio das experiências vividas em grupo. Eles trabalhavam, viviam, bebiam juntos e, muitas vezes, mantiveram relações sexo-afetivas. O trabalho conjunto, a tolerância e a sacralização da amizade seriam traços definidores dos Beats, que inauguraram um estilo literário que associava a arte e as criações às suas vidas, sociedades e à literatura. A escrita Beat está diretamente associada a uma experiência proposital, o uso de drogas, as relações

sexuais, a espiritualidade e a estrada, caminhos que esse grupo percorreu para encontrar um ponto de transcendência espiritual, política e ontológica, influenciando a criação, estilo literário e comportamento das gerações posteriores.

Uma das marcas da geração Beat em sua criação literária é a composição de escritos sobre personagens marginalizados. Muitos poetas se diziam herdeiros de Baudelaire. Com a leitura de *Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*, de Walter Benjamin, em especial o capítulo que se destina aos seus personagens e criação poética sob os moldes da experiência humana, analisamos a figura do flaneur, “uma pessoa que anda pela rua a fim de experimentá-la”. Personagem observador e descritivo, um homem na multidão, a observá-la, senti-la, que anda pelas ruas e galerias, inserido em um conjunto de diferentes tipos humanos sem perder sua individualidade. Assim, na Geração Beat, temos a viagem, suas andanças como experiência de crescimento, transcendência, de Flaneur.

A velocidade da escrita, as mudanças de estilo, a busca espiritual ou de aventura, a expansão de fronteiras, a busca pelo sentido da própria existência, a viagem e o contato com diferentes realidades marcaram as criações da Geração Beat. Essas características estão presentes em *On The Road*, obra de Jack Kerouac, publicado em 1957. Sob os nomes de Sal Paradise, Kerouac nos conta suas viagens com seus amigos pelos Estados

Unidos e pelo México, através de caronas, levando-o a um intenso contato com diferentes pessoas e realidades. Kerouac segue seus caminhos se opondo às forças repressoras de sua sociedade, valorizando a vida simples, sem dinheiro, arranjando pequenos trabalhos e grandes noites de festa em bares com negros ouvindo jazz, bebendo ou se drogando. Ao dar voz à marginalidade e colocar seu escrito em um lugar político de “apresentar uma nova realidade”, critica a sociedade americana do pós-guerra que, na época da recepção do livro, vivia em uma forte posição regrada. A libertação que buscavam era a que permitia vivenciar todas as experiências, sem a organização e o aprisionamento imposto por uma sociedade patriarcal e conservadora que estavam submetidos. Outra característica dessas andanças é o caráter efêmero e de desvinculação, não se prendiam ao lugar em que passavam nem as pessoas que conheciam, nem aos encontros amorosos ou relações afetivas que poderiam surgir. Inaugurando uma nova maneira de narrar, com uma literatura de movimento, cheia de espontaneidade, com relação à estrada, e a figura exaltada do marginal, *On The Road* foi uma obra de importância incontestável, que não apenas criticou a sociedade americana do macarthismo, mas mostrou que existiam outras possibilidades, e diferentes maneiras de olhar a vida e o outro.

Seguindo a narrativa de viagens, fizemos leitura de *Vagabundos Iluminados*, também de Jack Kerouac, em que narra

sua busca pela verdade, iluminação e crescimento pessoal, com constantes reflexões sobre sua vida. Nesta obra, a viagem também é espiritual, com uma intensa relação com a religião, neste caso o zen-budismo. A linguagem que é usada mostra a construção de um personagem ligado ao espiritualismo, à meditação e ao mundo oriental. Este mundo zen-budista é apresentado por um rapaz que vive fora da sociedade e ensina os princípios dessa religião, em meio de festas, poesias, na prática do montanhismo, nas relações sexuais, na meditação e nas próprias viagens. Para Claudio Willer, essa experiência de contato com o budismo, juntamente com o sexo e as viagens, influenciou a revolução cultural jovem dos anos de 1960.

A crítica ao progresso, à sociedade americana, a política, a guerra, é uma característica marcantes da Geração Beat. Intrínseca nas obras em que há essa busca de libertação, também está presente em poemas de Allen Ginsberg, poeta da Geração que deixou como um dos marcos iniciais sua aparição o recital de *Uivo* na Six Gallery em 1955. Um dos poemas estudados pelo grupo foi *América*, no qual Ginsberg crítica a guerra, problemas econômicos, regras da sociedade, o sistema político, a perseguição aos comunistas, e a exclusão dos marginalizado.

Outro ponto de reflexão foi a participação feminina na Geração como a das escritoras Joyce Johnson, Hettie Jones, Diana DiPrima, pois das produções dessas mulheres não foram

consideradas como componentes de um movimento beat ou reconhecidas como tal. Mesmo assim é importante ressaltar que em seus trabalhos havia questionamentos referentes ao casamento e a família, ao trabalho, ao discurso de que a masculinidade ideal seria a daquele que fosse o homem provedor de uma família nuclear burguesa, e proposta de novas concepções de sexualidade.

O movimento literário da geração Beat se populariza no final dos anos 1950 de maneira sem precedentes. O estilo de vida foi apropriado pelos jovens e a mídia auxiliou na sua divulgação, embora nem sempre com críticas favoráveis. Ocorreu, então, a transição para a contracultura. Para compreender os movimentos contraculturais manifestados por gerações posteriores, lemos alguns capítulos de *Contracultura através dos tempos* de Ken Goffman e Dan Joy. Percebemos que a contracultura é um conceito mutável, um fenômeno de inovação, de ruptura com as tradições e de experimentação, algo que deve ser vivido por excelência, com o poder das ideias, da imagem e das expressões artísticas. Dan Joy nos oferece elementos definidores de um grupo contracultural: o poder individual acima do poder do governo e social, a liberdade de opinião, de expressão, de poder criativo.

Em a *Era dos Extremos* de E. Hobsbawm encontramos essa movimentação dos jovens de embate e contestação. Houve mudanças significativas, principalmente a partir da década de 1960. A formatação familiar estava em crise devido às mudanças nos

padrões públicos que governam a conduta sexual e, também, pela mulher, que procura seu lugar na sociedade por meio da educação e do trabalho. Tornavam-se permissíveis coisas até então proibidas, não só pela lei e a religião, mas também pela moral e convenções. A libertação pessoal e social estavam em conjunto com o sexo e drogas. O aumento de uma cultura juvenil específica, e extraordinariamente forte, indicava uma profunda mudança na relação entre as gerações.

O mercado midiático influenciou essa “revolução juvenil”, a televisão apresentando o beatnick em *The Many Loves of Dobie Gillis*, um sitcom americano, filmes com ícones como Marlon Brando e James Dean, a música de Bob Dylan e Jim Morrison, o Rock. Kate Mills nos mostra em *Vision of the Road* a apropriação posterior da mídia do tema da estrada. A estrada renovada pela Geração Beat foi resignificada no cinema e modificou a estrutura narrativa dos *Road Movies*.

Por meio desse estudo notamos que a Geração Beat foi uma experiência literária e comportamental que não somente rompeu e renovou o âmbito artístico e cultural, como foi de grande importância para uma renovação social e individual, sendo um incentivador dos questionamentos acerca da sociedade, dos padrões e dos próprios princípios morais que moldavam os Estados Unidos das décadas de 1940 e 1950. Além disso, proporcionou as gerações

posteriores um espaço de embate social e cultural que, mesmo com o seu fim, continuou a fazer parte do imaginário dos jovens e, por meio das obras e suas reapropriações midiáticas, ainda constituem elemento de reflexão sobre as dimensões da liberdade como valor para pensar a diversidade de formas de viver. Muito obrigada pela atenção.

Bibliografia

BENJAMIN, W. **Charles Baudelaire**, um lírico no auge do capitalismo, São Paulo: Editora Brasiliense, 1991

GOFFMAN, K e JOY, D. **Contracultura através dos tempos**: do mito de Prometeu à cultura digital. Rio de Janeiro: Ediouro, 2007.

HOBSBAWM, Eric. **A Era dos Extremos**, São Paulo: Cia das Letras, 1994.

MILLS, Kate. *The Road story and de Rebel*. Illinois: Southern Illinois, University Press, 2006.

WILLER, Cláudio. **A Geração Beat**. Porto Alegre: L&PM Pocket (coleção Encyclopaedia), 2009.